

Leituras

.....

*

DOI: <https://doi.org/10.34619/g6t3-tagt>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2542-4323>

Universidade NOVA de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais (CICS.NOVA), Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher, 1069-061 Lisboa, Portugal.
mira.rita@gmail.com

Reis, P. (2024).
A Desobediente.
Contraponto (423 pp.)

RITA MIRA*

A Desobediente é um livro biográfico, de Patrícia Reis, sobre a vida e obra da escritora Maria Teresa Horta, percorrendo a sua trajectória de vida, desde a infância até ao ano de 2023. A sua pertinência justifica-se, não só pela dimensão e pioneirismo da obra literária e pela marca inegável que inscreveu no feminismo em Portugal, como pelo contributo essencial “para uma maior compreensão da obra e da vida desta mulher ímpar” (p. 20).

Escrita de uma forma envolvente, *A Desobediente* revela a multiplicidade de facetas da escritora – umas mais conhecidas na literatura, no jornalismo e no activismo, outras menos, como a sua paixão pelo cinema – e um retrato mais íntimo da sua vida, recuando ao berço da sua identidade e

envolvendo as pessoas mais significativas para ela.

Tendo por base as memórias da poetisa e a relação de confiança construída entre ambas, a biógrafa assume que esta obra “não é uma biografia imparcial, está contaminada com a relação que temos” (p. 17), alicerçada em respeito, admiração e amizade. Para além da centralidade deste testemunho, o livro possui uma multiplicidade de fontes de informação, destacando-se as obras da própria biografada (“porque a biografia de Maria Teresa Horta está toda na sua obra” (p. 16)), inúmeras entrevistas que deu ao longo da vida, centenas de investigações académicas sobre a obra e sobre feminismo, documentos históricos e entrevistas a pessoas de relevo no seu percurso.

Nascida em 1937, Maria Teresa Horta viveu parte da sua vida no contexto do regime ditatorial do Estado Novo (1933-1974), sendo uma protagonista histórica desta época, caracterizada por fortes restrições à liberdade, sobretudo em relação aos direitos das mulheres. O seu activismo, nas diferentes esferas de actuação, foi por isso um contributo indelével.

O significado de *desobediência*, palavra de eleição da escritora, atravessa toda a biografia, sendo indissociável da causa que mais abraçou ao longo da vida: Liberdade. O desejo absoluto de liberdade, fortemente presente desde cedo, atravessando os vários contextos e assumindo múltiplas expressões, foi norteando a sua vida e escolhas, rompendo com o ideário feminino vigente de recato e submissão.

É a vontade de seguir o seu próprio caminho, libertando-se das amarras familiares e sociais, que a faz refugiar-se no escritório do pai, onde nasce o fascínio pelos livros, ler à revelia da família, defender a mãe ao ponto de engolir uma carta, deixar de ir à missa contrariando as convenções familiares, casar para sair de casa, tentar o suicídio por não conseguir tomar as rédeas da sua vida, infiltrar-se em territórios tradicionalmente masculinos, divorciar-se do primeiro marido, escrever sobre temas então

proibidos como a sexualidade e o desejo femininos, continuar a escrever mesmo tendo sido perseguida pela PIDE e sovada na rua, aquando da publicação de *Minha Senhora de Mim*, em 1971, obra que constituiu “um tumulto significativo na sua vida” (p. 204) e um ponto de viragem no seu percurso literário.

É neste sentido de liberdade e justiça que o feminismo da escritora se integra, indignando-se perante a condição social de inferioridade das mulheres, defendendo a mãe (cujo comportamento era tido como subversivo), lutando por *muitos quartos que fossem seus*, numa alusão a Virginia Woolf, cuja obra permanecia na sua mesa de cabeceira a guardar os seus “sonhos” (p. 22).

A luta intransigente pelos direitos das mulheres manifestou-se como uma forma de Maria Teresa Horta estar no mundo, repetindo “até à exaustão *sou feminista*” (p. 183), causa que acreditava tê-la prejudicado, mas que, ainda assim, não fez refrear “a sua indignação pela situação das mulheres” (p. 204).

Constituída por cinco partes, esta biografia retrata duas grandes dimensões da vida da poetisa: uma, desde a infância até à primeira fase adulta, quando se dão os primeiros contactos com o mundo literário, como o movimento Poesia 61,

e cinematográfico, através do ABC Cineclub do qual foi directora; e outra, desde o encontro com Luís de Barros, o seu grande amor, com quem casou, teve um filho e a quem dedicou todas as suas obras a partir de então, até à solidão dos seus dias, após a morte, em 2019, do seu companheiro de vida.

A infância é a época fundadora da poetisa, “um prenúncio de quem se tornaria” (p. 15), através da qual é possível conhecer *Teresinha*, as suas fragilidades e medos, espelhados na memória mais antiga, com quatro anos, que inaugura esta biografia. É com o retrato da infância que conhecemos as relações familiares conturbadas, o amor intenso pela mãe, mas também a percepção da “mãe-perigo” (p. 29) e o sentimento de desamor e abandono por parte desta, bem como por parte do pai, que a achava “estranha”, desdenhava os seus escritos e desistiu dela aquando da separação. É nesta fase que cresce o fascínio pelas palavras, sente a urgência da leitura (lê com 5 anos *As Pupilas do Senhor Reitor*, de Júlio Dinis), escreve os seus primeiros “romances de três a quatro linhas” (p. 60) e pergunta, face à ausência de autoria feminina nas lombadas dos livros no escritório do pai: “não existem mulheres escritoras?” (p. 63). Este fascínio foi incentivado pela avó

Camila, a pessoa mais importante da sua vida, de quem se despedia todas as noites. Republicana e sufragista, a avó teve um papel central na formação intelectual da poetisa, sendo responsável pelo contacto com as primeiras feministas portuguesas.

Com um longo percurso no jornalismo, Maria Teresa Horta foi “um dos rostos do movimento de reforma, lenta e progressiva” (Faus-tino, 2013, p. 4) e uma protagonista da entrada das mulheres nas redacções dos jornais. Trabalhou, durante cerca de quatro décadas, em diversos jornais e publicações, foi fundadora e chefe de redacção da revista *Mulheres*, criada em 1978, “um espaço de jornalismo narrativo que dava eco e importância às questões das mulheres” (p. 317).

A narrativa de vida da escritora é repleta de acontecimentos marcantes, pessoais e profissionais, alguns com uma forte componente política e activista, como o seu envolvimento no Partido Comunista Português, após a Revolução de 1974, durante catorze anos, e a criação, em conjunto com Isabel Barreno, do Movimento de Libertação das Mulheres, visando a luta contra “todas as opressões às mulheres” (p. 277). Este movimento, que organizou em 1975 a primeira manifestação feminista em Portugal, surgiu na sequência

da absolvição no processo-crime de atentado ao pudor e pornografia contra as autoras Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa da obra epistolar *Novas Cartas Portuguesas*, de 1972. Símbolo do feminismo português do século XX, este livro ousou desafiar, de forma única, o regime fascista e a sociedade patriarcal da altura.

O património literário da escritora está fortemente ligado à sua vida e individualidade, expresso pela própria: “sou a minha poesia” (p. 212). Nascendo como uma “chama” (p. 213), a poesia salvou-a em momentos difíceis, como a morte do marido, altura em que escreveu *Paixão*.

Apesar de insuficientes e tardios, a poetisa ganhou vários prémios literários e ordens honoríficas,

entre os quais o Prémio D. Dinis, que distinguiu uma das suas grandes obras, *As Luzes de Leonor*, que levou cerca de 13 anos de pesquisa e escrita, debruçando-se sobre a vida da sua penta-avó, também poetisa, Leonor de Almeida, a Marquesa de Alorna.

Esta biografia é uma narrativa implicada com as causas da escritora e empática com os *vários rostos* de Maria Teresa Horta, transmitindo, com a dignidade merecida, a fragilidade e a fortaleza coexistentes na poetisa – palavra que sempre preferiu a poeta –, sendo possível, como é o desejo da biógrafa, não só *ver a Teresinha*, dando a conhecer com uma lente mais aprofundada a obra e a personalidade singulares de Maria Teresa Horta, como a mesma ficar a ecoar nos nossos dias.

REFERÊNCIAS

- Faustino, M. J. (2013). *Maria Teresa Horta: Entre o jornalismo, a literatura e o feminismo* (Dissertação de mestrado, Politécnico de Lisboa). RCIPL. <http://hdl.handle.net/10400.21/3227>
- Reis, P. (2024). *A Desobediente*. Contraponto.

Data de submissão/Submission date: 15/10/2025

Data de aprovação/Approval date: 21/10/2025

Esta revista tem uma licença Creative Commons – Attribution – Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0) / This journal is licensed under a Creative Commons – Attribution – Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0) license